Esquizando o paradigma ético-estético: coletividade emergente e cuidados com o acontecimento

Entrevista com ERIN MANNING e BRIAN MASSUMI por LARISSA DRIGO AGOSTINHO e JEAN-SÉBASTIEN LABERGE

Abstract

In this interview, conducted May 3, 2019 in São Paulo, Erin Manning and Brian Massumi discuss SenseLab's practices in relation to the schizoanalytic clinic. It addresses the question of the schizz and the importance of the impersonal, the care for the event as an ethico-aesthetic commitment, neurodiversity in terms of movement and politics, Brazil and SenseLab's hubs all over the world, and finally the speculative challenge of an alter-economy based on surplus-value of life.

La Deleuziana: Este número da *La Deleuziana* centra-se na Clínica Esquizoanalítica. Gostaríamos de saber até que ponto as práticas desenvolvidas no SenseLab estão ligadas à esquizoanálise.

Erin Manning: Percebemos que tínhamos de criar técnicas para sobreviver no rescaldo de um acontecimento. Não podíamos ignorar o fato de que era necessário enfrentar coletivamente a desorientação trazida por um acontecimento.

Foram os brasileiros, quando chegaram ao SenseLab por volta de 2016, que nomearam as nossas práticas como clínicas. Antes da chegada dos brasileiros, não teríamos dito que o trabalho do SenseLab era esquizoanalítico, embora Guattari seja uma influência importante. Acho que ainda tínhamos receio de assumir o vocabulário da terapêutica, dadas as suas conotações personalistas. Mas quando os brasileiros começaram a definir o nosso trabalho como esquizoanalítico, ocorreu uma esquize, e nos voltamos diretamente para a esquizoanálise, começando a explorar como as nossas práticas poderiam compor com o trabalho feito em La Borde e em outros lugares. Estávamos particularmente interessados na extensão do esquizoanalítico para além da instituição psiquiátrica, para a esfera mais ampla da política.

Brian Massumi: Fomos profundamente influenciados desde sempre por Guattari, especialmente pela noção de heterogênese que ele desenvolve em *Caosmose*. A ideia de um campo relacional complexo que catalisa uma emergência num ponto crítico, onde o que emerge carrega a sua própria qualidade de experiência e exibe uma lógica irredutível ao que o precedeu. Pensamos na nossa prática como uma prática do acontecimento, ativa nesse tipo de campo relacional catalítico e capaz de acolher a emergência. Estávamos muito conscientes da distância entre a lógica das categorias estabelecidas e as trajetórias normalizadas, por um lado, e, por outro, a complexidade de um campo relacional, no qual borbulham várias tendências que não se exprimem necessariamente de forma direta. Elas podem passar despercebidas, permanecendo como o que Erin chama de "movimentos menores", ou talvez interferir ou ressoar umas com as outras para criar uma terceira tendência que se expressa em seu lugar. Todas as situações são habitadas por ambas as lógicas, em tensão desconfortável. Há uma espécie de lógica dupla, uma lógica de inclusão mútua no caso, daquilo a que Jean Oury chamaria de "normopática" e de complexidade relacional potencialmente generativa.

Começamos a usar a palavra "esquize" antes de começarmos a usar a palavra "esquizoanálise". A esquize refere-se ao hiato entre as duas lógicas que acabamos de mencionar, a maior e a menor, ou a normativa e a criativamente relacional. Refere-se também a um movimento ou gesto que se separa do maior para uma renovação dos poderes catalíticos do campo relacional. A esquize neste sentido é um desvio processual, uma linha criativa de fuga ou uma linha errante. É decisivo, na medida em que faz um corte, através do qual o processo continua de forma diferente. Mas nunca é redutível a uma decisão subjetiva. Pode ocorrer em um nível subliminar, sem que nos apercebamos, ou apenas indiretamente na forma como os efeitos de fluxo nos transportam. Um fator não humano no campo relacional pode atuar como o catalisador de um gesto humano. É por isso que a esquizoanálise é mais uma questão de sintonia afetiva do que de decisão em qualquer sentido soberano, e que a sua prática é por natureza colaborativa, no sentido em que modula um campo de relação a partir de uma posição dentro dele, em vez de exercer a vontade sobre ele a partir de uma posição de domínio. É ecológica, no sentido mais lato desse termo.

Erin: O nosso foco no SenseLab, desde o início, tem sido o impessoal, as forças que se movem através de uma existência mais do que humana. Por sua vez, na esquizoanálise, exploramos como as forças impessoais se movem através de uma coletividade emergente.

Estas forças impessoais não devem ser vistas como opostas ao conceito de "pessoa". O impessoal, como o transindividual em Gilbert Simondon, é o que povoa o "pessoal", uma categoria muito mais delimitada. Com demasiada frequência, tomamos como ponto de partida a "pessoa" e as suas tendências "pessoais". E se, em vez disso, perguntássemos que qualidades de impessoalidade se movem através da "pessoa" para a expor a sua mais-valia? Esta seria uma questão esquizoanalítica.

Quando a pessoa-complexa é animada por tudo aquilo que a atravessa impessoalmente, o campo da relação de personalidade expande-se para incluir os germes de uma coletividade emergente. Produz-se uma subjetividade de grupo que não pode ser reduzida nem a uma nem a muitas. O SenseLab começa aqui, construindo técnicas que retiram a impessoalidade dos recintos mais endurecidos, das estruturas baseadas na identidade. Nunca negligenciamos a importância de como a identidade emerge - simplesmente não ficamos lá. A esquizoanálise pode ser pensada como o motor que sintoniza tudo aquilo que tece os contornos a que nos referimos quando contornamos a nós próprios como separados de um devir coletivo.

Um devir coletivo é uma ecologia de práticas. Ou, como poderia dizer Alfred North Whitehead, uma sociedade de moléculas. Estamos, evidentemente, conscientes de todas as formas como os corpos ficam presos dentro de quadros identitários por uma sociedade que os confina dentro de uma categoria. Isto acontece o tempo todo através do funcionamento do racismo, da neurotipicidade, da capacidade, do gênero. A questão para o SenseLab é que tipos de modos de existência são inventados quando o que é mais impessoal na existência é amplificado. Devido aos riscos que advêm desta amplificação, o trabalho é também criar locais onde outros modos de vida possam ser cultivados. Daí o enfoque nos cuidados baseados em acontecimentos (cuidados que não se reduzem ao único, ao pessoal, mas que são tecidos através de um círculo emergente). Muito importante para nós é o lembrete constante de que quando falamos de coletividade estamos também falando de solidão - o mais - do que se carrega como um ser relacional. O que eu chamo de "sociabilidade menor" é um lembrete de que a sociabilidade de uma impessoalidade é um encontro com o mais que nos habita e não com o 1+1 do interpessoal.

Brian: As pessoas por vezes reagem fortemente contra este compromisso para com o impessoal. Foram ensinadas a pensar no pessoal como a sede do sentimento, e a confundir o afecto com a emoção. Por causa disso, pensam no impessoal como um achatamento, mas para nós é o oposto. O impessoal é mais intenso. Pode registar o mais - do que a pessoa - que pode

passar através do pessoal ou do que está à sua volta, que pode movê-lo e condicioná-lo, mas não está de forma alguma contido nele. Ele o excede e corre através dele. Está no mundo, é do mundo. Ele sobe de uma sub história e corre para uma super história, ligando o infrapessoal ao transpessoal. Esse intra-excesso do pessoal exige uma abordagem ecológica atenta a esse movimento e sensível às esquizes que o atravessam. Há práticas para isso.

Deleuziana: Pode dar alguns exemplos? Como é que provocamos este tipo de esquize que pode trazer uma mudança do pessoal para o impessoal?

Erin: Vou dar um exemplo concreto. Ontem estivemos no Museu de Arte Moderna de São Paulo com um grupo misto de deficientes e neurodiversos. Ao chegar, perguntaram-nos se podíamos fazer uma ativação. Fiquei preocupada com a pergunta de última hora porque as técnicas que desenvolvemos requerem uma sintonia com o ambiente - estava preocupada em ser apontada como líder de uma atividade em vez de trabalhar em conjunto como participante de um processo de grupo. Por isso, pedi para não ser apresentada, mas simplesmente que me dessem um sinal quando chegasse o momento certo para começarmos. Assegurei-lhes que ou algo começava a surgir ou não. A partir daí, iríamos.

Utilizamos uma técnica a que chamamos composição, desenvolvida há anos e expandida de muitas formas pelo SenseLab. As sementes desta prática foram trazidas por uma das nossas colaboradoras, Mayra Morales, que é coreógrafa, bailarina e filósofa. A primeira interação foi simples: foi-nos pedido para nos envolvermos com objetos num espaço, permitindo que eles nos puxassem para o movimento. A composição tornou-se uma prática de se mover ecologicamente em vez de se mover voluntariamente. O que aprendi através da prática foi que as pessoas se movem muito mais facilmente se forem movidas ecologicamente e, em particular, se um objeto fizer o puxão. Isto permite que as pessoas não se sintam conscientes de si próprias, o seu movimento já não lhes é redutível. Os corpos começam a mover-se coletivamente, puxados e empurrados pelo próprio processo. O que fizemos ontem foi algo nesse sentido. Eu coloquei uma cadeira no centro do espaço, de cabeça para baixo, e esperei. Um minuto mais ou menos depois, Brian trouxe um copo e virou-o de cabeça para baixo na cadeira, e assim foi, todos começaram a compor. Em pouco tempo o espaço estava vivo com tendências - o ambiente agora povoado com tudo o que pode nos atrair para um movimento coletivo (um pedaço de papel, um sapato, um casaco, um cordão, um pedaço de tecido). A esquize nesse ambiente era possível não pelos objetos em si, mas pela forma como

eles chamavam os movimentos sem serem guiados. Uma escultura começou a emergir, depois algumas brincadeiras, movimentos colaborativos e solitários. Em menos de cinco minutos os objetos já não eram objetos, eram intercessores de um ritmo sincopado, algumas pessoas correndo, algumas andando, algumas dançando com a escultura e umas com as outras, e outras que permaneceram imóveis. Uma composição emergiu desses ritmos e foi bonita. Podia ter continuado durante horas, mas houve uma pausa depois de cerca de vinte e cinco minutos e paramos.

Esse é um simples exemplo de como o ambiente estava aberto para uma esquize. Ela já estava lá em germe – o grupo estava se reunindo há alguns meses e já havia uma tendência coletiva nessa direção, capaz de provocar uma resposta. O que eu sentia se mover naquele ambiente especial era a presença de mais de uma qualidade temporal. A esquize trouxe isso à tona. Se nós tivéssemos tentando o mesmo experimento em uma sala cheia de acadêmicos no contexto de uma conferência, por exemplo, certamente não teria funcionado.

Brian: E nós tentamos! [risos]

Erin: Para promover uma esquize não se pode trazer apenas uma estrutura existente - pode-se trazer as condições ou técnicas, mas a própria prática tem de envolver uma sintonia com o que já está funcionando no ambiente. Esta é a falácia do workshop - que muitas vezes é um recipiente neutralizado trazido a diferentes circunscrições para experimentação (sem uma experimentação ativa sobre a própria forma). Não há nada de errado com isso, claro - é apenas importante reconhecer que se se quiser criar uma sintonia coletiva tem de haver espaço para que a própria prática seja moldada. Eu diria que oitenta por cento das vezes falhamos. A prática da esquize e da sintonização é uma prática de esquize e sintonização (*schizzing and attuning*)! É uma prática de perceber, moldar, ser moldado, reorientar, recomeçar.... Muitas vezes levará alguns anos para que uma técnica se torne condicionante de novos processos. É assim, muito lento.

Brian: Pensamos muitas vezes com Daniel Stern, cujo trabalho de sintonia afetiva é fundamental para nós. Ele mostra que a sintonia afetiva não é uma questão de imitação, e não pode ser reduzida a chamada e resposta, ou ação-reação. Não se trata de imitação porque se trata do que é diferencial, não de semelhança. Na sintonia afetiva, as pessoas estão agindo de forma diferente juntas, unidas por um ritmo. O ritmo é a linha da variação que passa entre as

suas diferentes ações e reações, que tocam umas nas outras, em contraponto ou em variações sobre um motivo. Tipicamente cruzam modos, por exemplo, um som que é recebido com um gesto. Pode haver uma sequência entre eles, mas também há sobreposições, e mesmo quando há uma sequência, o gesto seguinte já está sendo feito, pois o último está em curso, assim, a sua chegada é modulada pelo que o último está se tornando. Talvez seja mais preciso dizer, não que eles jogam um contra o outro, mas que jogam um com o outro. Estão conduzindo reciprocamente e antecipando-se mutuamente, de imediato, são a causa e o efeito um do outro. Estão numa relação de inclusão mútua e dinâmica. A imitação ou chamada e resposta clara, como numa conversa educada entre duas pessoas, são casos-limite de um fenômeno muito mais comovente - e relacional. Mas, curiosamente, é esse o modelo que as pessoas pensam: um modelo diádico de trás para a frente. Para nós, essa é uma dinâmica relacional de grau mais baixo, não o modelo de relação. É o interpessoal, ou o intersubjetivo, em oposição ao impessoalmente ecológico. E não se obtém uma ecologia coletiva juntando as díades. É uma dinâmica qualitativamente diferente, envolvendo o alinhamento de diferenciais num mesmo evento, com um ritmo global. Ontem éramos cerca de vinte pessoas e muitos objetos cujas contribuições em termos de potencial modulador foram ativadas e sintonizadas coletivamente. Isso fez com que houvesse toda uma grande complexidade num espaço pequeno e de curta duração. Havia pessoas com mundos perceptivos e capacidades de movimento muito diferentes, mas isso não era um impedimento, longe disso. Isso contribuiu para os diferenciais em jogo, o que só veio enriquecer o ritmo coletivo. Tornou-se uma dança de sintonia diferencial, incluindo as pessoas que não sabem dançar.

O princípio é que deve haver uma sintonia diferencial, de modo a que um ritmo emergente passe pelo meio, como diria Deleuze e Guattari. Para que isso aconteça, é preciso desativar a tendência que as pessoas têm de trazer sempre o processo de volta para o seu todo humano. É preciso entrar no processo como sujeito parcial, por um determinado ângulo de inserção na dinâmica emergente, inflectindo-a com as suas diferenças. Uma coletividade emergente é uma integração de partes-sujeitos. Trata-se de uma individualização coletiva, da qual o indivíduo é subtraído.

Existem várias técnicas para o efeito. Há um ano e meio, dois SenseLabbers, Diego Gil e Csenge Kolozsvari, iniciaram uma prática a que chamam esquizosomática. É uma prática baseada no movimento, envolvendo uma sensibilização emergente para a esquize. Existem também práticas baseadas nos materiais e no espaço, para não falar das práticas baseadas na linguagem. É fundamental transformar linguagem em processo, devolvê-la à complexidade

do campo relacional, em direção a uma coletividade emergente. Isto é especialmente importante no contexto acadêmico, onde a linguagem é habitualmente mobilizada como uma força normativa que codifica em excesso o campo. Produzimos pequenos vídeos onde algumas das pessoas mais envolvidas descrevem estas práticas (http://senselab.ca/wp2/techniques-of-relations-videos/).

Deleuziana: Como você pensa a relação entre teoria e prática? Quando fala em termos de investigação-criação, é de uma perspectiva ético-estética e contra uma certa cientificidade que ainda prevalece, especialmente nos meios acadêmicos?

Brian: Sim, sempre pensamos nisso em termos ético-estéticos. A ética refere-se àquilo a que chamamos cuidados com o acontecimento - aquela sintonia com a coletividade emergente de que falamos está envolvida na produção e variação de modos de relação complexos que não podem ser reduzidos a uma interação sequencial. Mas também não se trata de uma harmonia ou de uma comunidade. Não é isso que é sintonia. A sua ética é dissensão, no sentido de que há demasiadas qualidades de experiência, demasiadas intensidades, demasiadas tendências ativadas, demasiados sujeitos parciais, para se encaixarem de forma harmoniosa como um conjunto homogêneo ou compondo uma identidade de grupo. Há sempre arestas recortadas e áreas de não sobreposição que não são niveladas ou suavizadas em média. O que dissemos há pouco sobre o pessoal também tem de ser dito sobre o coletivo. Uma coletividade emergente é mais que o coletivo, da mesma forma que se falava do mais que a pessoa - e na verdade, são o mesmo, quer dizer o "mais" que o coletivo. Um processo.

A ética aqui é estética porque a sintonia com fatores potencialmente catalíticos no ambiente inclui diferentes modos de percepção, acompanhando diferentes movimentos, posturas e posicionamentos. Ela joga com diferentes qualidades de experiência, e toca a sua composição. Não é estética de uma forma que possa ser reduzida à sensibilidade pré-determinada de uma pessoa, ou mesmo à sensibilidade humana em geral. Está em relação ecológica, envolvendo dimensões da pessoa que são infraconscientes ou liminares à consciência, ou tentadoramente fora do seu alcance, mas ainda sentida, como aquilo a que chamo uma abstração vivida, apresentando-se para sentir o mais - do que a sua constituição atual. Isso faz dela uma espécie de especulação.

Por essa razão, falamos também de pragmatismo especulativo, sendo o elemento pragmático a ideia que já mencionamos, de que existe uma prática para tal. Não há método, mas há técnicas, técnicas para condicionar o campo da relação, modulando-o imanentemente. As técnicas suportam artisticamente a relação, e não os objetos discretos, de forma instrumental.

Erin: Temos falado muito de investigação-criação e trabalhamos para construir um vocabulário em torno da arte e da filosofia como ecologias que não são redutíveis umas às outras, mas temos cada vez mais dúvidas se a assimilação da investigação-criação ao capitalismo neoliberal (no contexto da universidade) não avançou ao ponto de o conceito ter perdido a sua vantagem. É claro que ainda acreditamos profundamente em práticas transversais e continuamos a trabalhar arduamente para considerar como a investigação-criação produz modalidades singulares de valor que não podem ser subsumidas ao trabalho acadêmico propriamente dito e às metodologias que o enquadram. O capítulo "Against Method" de *The Minor Gesture* [*O Menor Gesto*] explora esta questão com mais detalhe.

Quando o SenseLab começou, em 2003, a criação-investigação foi um novo termo desenvolvido pelas agências de financiamento nacionais e estaduais como forma de reconhecer as práticas baseadas na arte dentro da universidade (antes disso, os artistas sem doutoramento não podiam candidatar-se a bolsas acadêmicas). Ao utilizar esse discurso tentamos transformá-lo, antes que pudesse ser reivindicado por e para as forças cada vez mais orientadas para o mercado que se apoderaram da universidade. O que queríamos desde o início era que a filosofia fosse vista como criativa. Nunca nos preocupamos particularmente com o fato de a arte ser filosófica - para nós, a arte sempre criou as sementes para a investigação filosófica. Estávamos mais preocupados com a reivindicação acadêmica sobre a arte que iria instrumentalizar tanto o trabalho criativo como o andaime teórico que seria imposto para lhe conferir um valor geralmente reconhecido no seio da economia neoliberal. Queríamos que a arte-filosofia fosse abordada pelos seus próprios méritos, o hífen trabalhando não para as sobrepor, mas para revelar o que poderia ser gerado pelo seu contato. A nossa crença era que a aproximação da arte e da filosofia permitiria que cada uma se desenvolvesse de novas formas, produzindo um campo híbrido de pensamento e criação.

Quando o SenseLab começou a ler a obra de Stefano Harney e Fred Moten's *The Undercommons*, o conceito de estudo começou a ocupar o lugar do conceito de investigação-criação. O estudo, como desenvolvido por Harney e Moten, é a exploração vivida de

tendências que alteram as condições de socialidade. O estudo é o que nos faz tanto quanto o que fazemos. A investigação-criação tal como o SenseLab a entende é estudo: uma prática que não decide antecipadamente como valorizar o seu processo.

Brian: Queríamos, mais uma vez, esquivar-nos à investigação-criação, cortar o hífen e praticá-lo como uma relação transdutora - em outras palavras, uma relação de transformação mútua numa zona de sobreposição. A sobreposição entre a prática criativa e a filosofia é possível, por um lado, porque não se pensa num conceito por oposição à experiência. Um conceito deve ser vivido, como disse Deleuze. É essa a sua vocação. Um conceito é como um pouco de potencial, um feixe de potenciais percepções, efeitos, movimentos e ações que podem semear num campo não filosófico de relação e desdobrar-se nele. Pode-se semear um conceito no terreno preparado de uma prática de movimento, por exemplo, e ele crescerá nesse terreno diferente para produzir um tipo de efeito diferente do que produz na filosofia propriamente dita. O solo já é um terreno de encontro, porque uma prática de movimento, ou qualquer outro tipo de prática criativa, está repleto de conceitos que ela encerra em movimento ou material. Cada prática de movimento é uma interpretação ativa do que um corpo pode fazer e como pode relacionar-se. É uma proposta vivida sobre sociabilidade, temporalidade, ritmo... O pensamento filosófico não pode sair incólume do encontro. É esquizofrenizado - desviado, potencializado - é criativo. Duplo devir.

Se a pensarmos de ambos os lados ao mesmo tempo, temos uma proposta viva sobre a relação entre pensar, mover, fazer, e o que encenar desta forma pode fazer. A proposta é sentida sob a forma de uma sintonia afetiva diferencial por uma coletividade emergente - um sujeito do encontro, processualmente inextricável a partir dele. Esta é uma especulação vivida, e carrega uma força exemplar. O modo de relação exemplificado é o prenúncio de um modo de vida. Isto torna a prática proto-política: a criação de um povo por vir, como diria Deleuze. Tendo esquivado o condicionamento institucional para a inserção na economia capitalista neoliberal, pode potencialmente crescer numa direção política, quando um terceiro domínio é acrescentado ao campo transdutivo: o do ativismo. O SenseLab sempre tentou trabalhar esta triangulação entre o filosófico, o artístico e o ativismo.

Deleuziana: Há também um importante aspecto ético e político do seu trabalho que é destacado no seu envolvimento com a neurodiversidade, que é um conceito que ainda é

bastante desconhecido fora de alguns círculos norte-americanos. Por quê a neurodiversidade?

Erin: O que é realmente importante compreender é que, embora eu e o Brian possamos sentar-nos aqui e contar aquilo que parece ser uma história bastante coerente do SenseLab, na verdade, nada é tão claro quando está acontecendo. Tudo o que o SenseLab faz é em resposta a algo que reorienta pragmaticamente o campo. Somos movidos por aquilo que encontra o seu caminho até nós. A neurodiversidade foi assim. Muito do meu próprio trabalho filosófico tinha sido sobre a questão do movimento - tentar articular uma filosofia de movimento que não se limitasse ao deslocamento. Ao fazer este trabalho, tornei-me cada vez mais consciente de como o movimento, ao tentar defini-lo, não figurava na maioria dos relatos do político. De *Politics of Touch* [*Política do Toque*] em diante, senti-me especialmente atraída por modos de pensamento que escapavam aos limites do "sujeito político moderno". Hoje eu diria que o que estava descobrindo era a forma como a neurotipicidade, como discurso dominante, enquadra o sujeito como fora do movimento - e como a neurodiversidade escapa completamente a esse enquadramento. Comecei a articular isto no capítulo final do meu livro *Relationscapes*, num capítulo chamado "Thought in Motion" que pergunta se é possível considerar que o funcionamento do pensamento se estende para além do linguístico (e para além da consciência). Como bailarina, tive a forte sensação de que o pensamento acontece em movimento - e que o pensamento não precisava se mover através da linguagem para poder fazer o seu trabalho. Foi este capítulo que iniciou uma conversa com vários autistas para quem o conceito de pensamento em movimento fazia muito sentido. O contato com pessoas neurodiversas teve um enorme impacto no meu trabalho – ali estavam pensadores que me ensinavam a posicionar o sujeito de forma diferente e a valorizar a percepção do não categorizado na experiência. Isto levou ao livro *Always More Than One*, um livro que penso ter sido escrito em co-composição com os autistas com quem eu estava conversando naquele momento.

Tudo isto para dizer que, ao virar a minha atenção de forma tão direta para a neurodiversidade, o SenseLab, enquanto coletivo mais vasto, ficou sintonizado com a neurodiversidade no nosso meio, que sempre esteve presente, como é óbvio. Este reconhecimento (e todas as técnicas nascidas de um pensamento em movimento), por sua vez, levou a uma maior neurodiversidade, pois tornou-se claro que estávamos empenhados em levar a sério a questão da composição de ambientes sensíveis e empenhados na diferença.

Com o tempo, comecei a ser mais capaz de articular como a neurotipicidade era uma categoria sistêmica e não uma categoria redutível a uma pessoa. Considero que a neurotipicidade é aliada à branquitude. A neurodiversidade é a expressão de um campo de diferenças que perturba as expectativas que a neurotipicidade cria em matéria de aquisição e implementação de conhecimento, movimento e expressão corporal, cognição e sociabilidade. A neurotipicidade polui as formas de saber, limitando o que é definível como o humano. Os corpos são excluídos da neurotipicidade devido à sua incapacidade de se enquadrarem nos estritos contornos estabilizados da sua expressão aceitável.

Compreender a neurodiversidade desta forma permitiu-me começar a localizar a neurotipicidade como um paradigma epistêmico através do qual o político foi escrito. Mas seria falso considerar este movimento de pensamento sem a prática do SenseLab alimentando e deslocando continuamente o pensamento.

Brian: A convergência original entre o trabalho da Erin e o meu foi em torno de questões de movimento. Ao escrever *Parables for the Virtual* [*Parábolas para o Virtual*], entendi que se tratava de movimento em primeiro lugar, e afetar em segundo lugar, como um conceito auxiliar para preencher o relato do movimento como transformação qualitativa, e não como simples deslocamento. Estava especialmente interessado nos movimentos em intensidade: a forma como o mundo já se move incipientemente antes de se expressar como um deslocamento no tempo e no espaço. Erin veio independentemente para a mesma preocupação, para a qual ela cunhou o termo "pré-aceleração". Na pré-aceleração, ou seja, na incipiência, cada agitação é diretamente relacional, uma recomposição potencial de um campo de realização. O que eu chamaria agora de neurotípico, a partir do trabalho de Erin, são justamente os antecedentes dessa dimensão relacional. A sua lógica, que é discreta, classificatória e individual, induz a um aborto das pessoas que virão. Tal é a branquitude.

Deleuziana: É a sua terceira visita ao Brasil. A primeira foi uma breve visita por volta de 2006 para uma conferência em Fortaleza, e a segunda foi um mês inteiro no final de 2017 para uma série de eventos em São Paulo, Florianópolis, Rio de Janeiro e Campinas, onde ambos deram palestras sobre o conceito de imediação (*immediation*). Vocês também estão hoje aqui em São Paulo graças a este projeto. Como você vê a relação entre esse projeto sobre imediação e o Brasil? Como surgiu o polo brasileiro e como se deu a coerência?

Erin: A ligação intensificou-se em 2016, durante o golpe que obrigou Dilma a abandonar o cargo, quando fomos contactados por vários brasileiros que pretendiam conversar sobre ética e estética no contexto da convulsão política. Achamos as questões levantadas profundamente importantes e começamos conversar sobre a relação entre o clínico, o filosófico e o político.

Este encontro mudou o SenseLab (como os encontros sempre fazem). O nosso primeiro impulso foi criar uma rede de todos os brasileiros que nos contactavam (na altura eram cerca de 20) para que pudessem trabalhar juntos e encontrar técnicas para combater o horror do que se passava à sua volta. Contribuímos com alguns fundos para facilitar os encontros entre eles e também ajudamos aqueles que sentiram necessidade de sair do país. O que era importante para nós era reunir as pessoas e depois aprender com elas. Este foi o impulso da nossa primeira viagem coletiva ao Brasil em 2017, que reuniu participantes do SenseLab da América do Norte, da Europa e da Austrália com o emergente núcleo brasileiro. O nosso papel era participar no que tinha sido facilitado, e por isso passamos a maior parte dessa visita conhecendo os coletivos e aprendendo com as suas práticas.

Brian: Nunca afirmamos que o que estamos fazendo é único. Há muitas iniciativas em todo o mundo que têm ressonância no SenseLab. Estamos sempre interessados em nos ligarmos a outros grupos que trabalham numa linha semelhante e aprender com eles. O Brasil é particularmente rico neles. Penso que isso está relacionado com a história cultural particular do Brasil, que foi marcada por artistas como Hélio Oiticica e Lygia Clark, cujo trabalho de arte relacional, como a Erin mencionou, vemos como uma prática singular que concerne o acontecimento e uma coletividade emergente. Esta ligação é ainda mais acentuada pela tomada de consciência precoce do pensamento de Deleuze e Guattari, em particular através das viagens de Guattari pelo Brasil nos anos 80. O paradigma ético-estético tem feito o seu trabalho aqui há algum tempo, e a esquizoanálise tem sido levada a sério aqui como em nenhum outro lugar do mundo. Por isso, já havia uma espécie de encontro marcado para nós aqui.

O conceito de imediação está ligado ao gesto filosófico que concerne o processo de colocar o acontecimento como unidade elementar do real. Os acontecimentos estão sempre ao vivo no presente. A ideia é que tudo o que do passado afeta o presente o faz porque foi reativado como força formadora para esta ocasião. Nos termos de Whitehead, ele faz a ingressão. E o faz seletivamente, parcialmente, de um determinado ângulo. Mesmo os condicionamentos sistêmicos têm de se inclinar para uma ocasião. Têm de se presentificar, e isso dá ao presente

uma oportunidade de os infletir, mesmo quando sofrem a sua força formadora. Isto cria uma tensão, uma intensidade, uma certa pressurização da situação, onde algo tem de acontecer. Esta tensão pode libertar os tipos de movimentos menores de que falávamos antes dessa delineação de linhas de fuga e prever potenciais ainda não ditos. Nunca se joga nada com toda a antecedência. Isto é muito contrário às teorias da ideologia, em que se pensa que as estruturas gerais contêm efetivamente potencial, num ato fundador de pré-formação sócio-política. No imediato, trata-se do singular, sem qualquer fundamento firme, apenas de padrões de ingresso de forças conformistas que têm de se vergar no seu caminho. Cada situação é tensa com a disputa entre as forças de conformação que se esforçam para entrar e as forças de futuro que agitam um novo potencial. Isto faz de cada momento o local de uma luta política, em potencial, e sobre o potencial. Dá ao quotidiano um sentido de urgência. O SenseLab esforça-se sempre por viver a urgência. Temos a sensação de que muitas pessoas no Brasil entendem isso intuitivamente, especialmente em tempos como este, quando a urgência amadureceu em uma emergência.

Deleuziana: E este potencial pode levar-nos à questão da "mais-valia de vida" que Brian desenvolveu recentemente nas *99 Theses* [*99 teses*], bem como à colaboração do SenseLab com a Agência Espacial Econômica que o levou à questão do valor, pensado em relação ao mercado financeiro, e relacionado com os aspectos clínicos, estéticos, éticos e políticos em que já estava trabalhando.

Brian: A ideia de excedente de valor de vida é que quando surge um campo complexo de relações, produz-se um efeito de campo que não pode ser reduzido às suas partes individuais, e que expressa diretamente a qualidade do acontecimento - que tipo de acontecimento foi. Isto faz parte do conceito de imediação. O efeito emergente tem uma realidade qualitativa que se afirma como o carácter do acontecimento. Exprime como o acontecimento ocorreu. Mas essa é uma expressão estranha, porque quando falamos de como foi algo, estamos na verdade falando do que foi único nele. Estamos falando da sua incomensurabilidade, sentida diretamente como uma qualidade estética, um valor estético - a sua regularidade. A sua própria sensação é uma afirmação do acontecimento, no sentido de uma suposição do que ele traz como trampolim necessário para o que poderá vir a seguir. Esta afirmação viva do acontecimento, iminente no potencial que ele transporta, é um valor excedente de vida. O excedente refere-se ao fato de o efeito emergente ser superior aos fatores individuais do que

se desprende. É o "mais que o acontecimento", qualitativamente afirmado. Carrega o tipo de força exemplar de que falei anteriormente. O projeto de 99 teses era tentar articular este sentido de valor com outras formas de valor, em particular o valor excedente capitalista. A premissa louca do trabalho de alter-economia do SenseLab - o Banco de Sementes do Processo 3E - é propor uma economia qualitativa do emergente incomensurável como a semente de uma economia pós-capitalista. (http://senselab.ca/wp2/3e-process-seed-bank/)

Erin: Penso que o que está implícito na economia está ligado ao que eu dizia anteriormente. O contexto no Québec, em Montréal, onde o SenseLab está sediado, é realmente dinâmico. O Québec está cheio de movimentos anarquistas excitantes. Não há necessidade de essas pessoas virem ao SenseLab, elas já têm as suas práticas. Nós não queremos reivindicar um território. O SenseLab é uma transversalidade que quer inventar um cruzamento na necessidade do que emerge. Quando colocamos algo no mundo como uma alter-economia ou um acontecimento, o nosso objetivo é dá-lo ao mundo para que outra pessoa possa continuá-lo. Sentimo-nos sempre esmagados pelos limites do nosso próprio pensamento, pela sensação de que não podemos ir mais longe e de que precisamos de ajuda!